



# voLê Não TEM Carta Branca



Créditos da colagem: Isabela Jayme e Titz

## TÁ, MAS O QUE EU TENHO A VER COM ISSO?

**"Revolucionário é todo aquele que quer mudar o mundo  
e tem a coragem de começar por si mesmo."**

*Sergio Vaz*

Tendo conhecido um pouco mais sobre como a trajetória brasileira originou as desigualdades raciais que vivenciamos ainda hoje, você provavelmente começou a enxergar alguns elementos sociais de maneira diferente. Agora, você está pronta(o) para o próximo passo. Vamos falar de nós, brancas e brancos.

Não é uma coincidência que a maioria da população brasileira seja tão pouco representada em posições de poder, por exemplo, ou que seja a que mais morre de maneira violenta. Às pessoas negras brasileiras, existem lugares reservados que não são bons e nem justos. Mas se os negros estão sendo prejudicados, alguém está se dando melhor que eles, certo?!



Pintura "Um jantar brasileiro" - Jean Baptiste Debret (1827)

**Vídeo Complementar:** *Emicida - Eminência Parda part. Dona Onete, Jé Santiago e Papillon* (Canal Emicida), disponível no Youtube.

Antes de aprofundar, sinceridade: talvez seja um pouco desconfortável. Partiremos de uma premissa polêmica, mas pedimos que você não desista da leitura e vá até o final desta fase, porque vamos explicar o que nos leva a pensar dessa maneira. Combinado?! Então lá vai: você se beneficia do racismo.

Essa é uma parte frequentemente omitida quando o assunto é racismo. E é até compreensível... Afinal, compactuar com uma ideia como essa não é algo socialmente bem visto (para além de ser crime, bom lembrar) porque é imoral. Só pessoas más são racistas, certo?! Errado.

Mas sabendo que você já entende ao menos alguns dos reflexos do racismo, precisamos te dizer: é muito difícil fazer parte da solução de um problema, sem se enxergar como parte dele. Então, temos que falar sobre o elefante branco na sala.

Para começar

“É IMPOSSÍVEL NÃO SER RACISTA TENDO SIDO CRIADO NUMA SOCIEDADE RACISTA.”

Djamila Ribeiro

Quando o conceito de raça foi inventado, criou-se a narrativa que anunciava que pessoas, por fazerem parte de um mesmo grupo, tinham características similares em intelecto, moral e estética. Em seguida, veio o juízo de valor e a hierarquização dentro desses âmbitos. Quem dita o que é considerado moral, belo e desejável? É o branco. Qual é o modelo central nas discussões sociais e intelectuais? É o branco.

**Chama-se “branquitude” o lugar de privilégio social e superioridade racial** resultante de todo o processo histórico que viemos discutindo até agora. Essa categoria é relacional. Ou seja, só se materializa quando há alguma espécie de contraste com um “Outro”. O pulo do gato é perceber que nós, brancas e brancos, também formamos um grupo racial.



Para visualizar melhor: num time de futebol, a melhor jogadora não existe se só ela comparecer aos treinos. O técnico irá comparar o desempenho das atletas do time a partir da relação que se dá em campo e assim dirá quem é a melhor. A branquitude existe porque se relaciona, categoriza e inferioriza outras raças (no Brasil, principalmente negros e indígenas, mas ao redor do mundo, outros povos assumem essa posição de Outro).

**Podemos trilhar alguns caminhos para visualizar que o modelo tomado como central, na nossa sociedade, é o modelo branco:**

- **Na escola**, quando se aprende História, como é distribuído o conteúdo sobre o continente europeu e o continente africano ou as Américas? Destrinchamos o passado das civilizações brancas desde a Grécia e Roma antigas até a Guerra Fria. Enquanto só se ouve falar dos negros e indígenas depois que o período de colonização europeia chega ao hemisfério sul.
- **No meio acadêmico**, quem são os autores tidos como mais relevantes ou referência? Foucault, Freud, Platão, Aristóteles, Isaac Newton, Nietzsche, Hegel, Thomas Edison, Einstein e por aí vai... todos brancos. Por que não estão nas prateleiras e nos debates, os conhecimentos das civilizações do povo negro e indígena?
- **As narrativas no cinema** contam quais histórias? De qual ponto de vista? Os papéis principais são feitos, na maioria, por atrizes e atores de que cor?
- **Os gêneros musicais** que se tem como inferiores e/ou ruins, vêm de onde? Você conhece a história do samba, do lundu, do soul, do funk, do hip hop?
- **Qual era a religião** praticada pelas pessoas que utilizaram discursos de fé para colonizar e justificar a escravização dos africanos sequestrados e povos indígenas? Quem afirmou que os negros não tinham alma? E por que são as religiões de matriz africana que são vistas de maneira negativa e demonizadas?
- **E finalmente**, qual o padrão de beleza difundido pelos meios de comunicação? Os traços físicos exaltados mais frequentemente em comerciais são traços afinados, característica do povo branco, ou se assemelham à negritude?

Esses pontos mostram que o branco está no centro. Mesmo a história oficial da humanidade é narrada sob sua perspectiva. Não parece haver algo errado aí? Nós não podemos ser o ponto de partida da humanidade, o "humano universal". Porque todas as outras histórias e maneiras de viver de outros povos serão apenas desconsideradas e apagadas. Somos uma outra fatia da sociedade racializada.

Biologicamente, somos iguais, sim. Mas a sociedade brasileira foi criada sob o discurso embranquecido, que ao longo dos anos, fez com que pessoas não tivessem acesso a direitos básicos. Ou seja, retroalimentou o racismo, um problema político.

Assista o vídeo do Papo Rápido para complementar a discussão.



Pintura "Batismo de um Homem Negro" - F. J. Stober

**Vídeo Complementar:** *Racismo reverso ou hipersensibilidade branca | Papo Rápido | Papo de Segunda (Canal GNT)*

**É importante romper com o silêncio** e a possibilidade de escolha sobre a reflexão de raça. Racista não é só aquele que, explicitamente, discrimina uma pessoa por sua cor. Somos racistas também quando fazemos silêncio frente aos cenários desiguais que sabemos existir. **Silenciar é concordar com uma estrutura que renega, fere e marginaliza pessoas negras.**

Uma dica de leitura útil para entender mais sobre branquitude, se perceber em ações diárias e se apropriar das repercussões de alguns atos na vida de pessoas negras é o livro "Eu e a Supremacia Branca", de Layla F. Saad. A autora elenca algumas "desculpas" que usamos para nos impedir de erguer a voz contra o racismo ou de dar vazão às vozes de pessoas negras.



## APATIA BRANCA

É a escolha de permanecer no conforto quente e seguro da supremacia branca e nos privilégios que ela oferece.



## PRIVILÉGIO BRANCO

O privilégio da branquitude significa não ter que lidar com a supremacia branca, caso se opte por não fazê-lo. Afinal, a supremacia branca beneficia de modos muito atraentes aqueles que são brancos ou considerados brancos.



## SILÊNCIO BRANCO

Anda de mãos dadas com a apatia branca, pois um alimenta o outro. fica calado aquele que é apático ao racismo e sua apatia alimenta mais ainda o silêncio.



## EXCEPCIONALIDADE BRANCA

É a ideia de que você está acima do racismo, que não é racista e por isso não precisa praticar o antirracismo e dá, a quem se sente excepcional, um falso senso de orgulho que nada mais é do que a apatia disfarçada.



## DALTONISMO RACIAL

Aquele que acredita que não tem urgência em praticar o antirracismo, que estamos num período pós-racial e que escolher não "ver a cor" o torna antirracista e por isso nada mais precisa ser feito, está sendo apático enquanto se convence de que é antirracista.



## ESTEREÓTIPOS ANTINEGRITUDE E RACISTAS

São pensamentos subconscientes e enraizados, que criam uma ideia de que o não branco merece o tratamento que tem porque é inferior, preguiçoso, feio, perigoso, não civilizado ou digno e por aí vai. O indivíduo que tem esse pensamento gostaria que o racismo não fosse uma realidade, mas acredita que os negros fazem por merecer sendo quem são e esse tipo de pensamento é construído a partir da superioridade branca.



Há muito para aprender sobre nós e sobre si mesmo como indivíduos brancos. Esse aprendizado pode (e deve) ser desconfortável.

Nosso conselho é:

Examine sua própria história para encontrar os momentos em que você foi beneficiado (teve acesso, não foi violentado, teve oportunidades, etc) por ser branco;

Assuma que nem tudo na sua vida é mérito seu. Isso pode significar um rompimento com uma imagem mental de si. Inclua a possibilidade de que você ocupa alguns espaços por ser branco, já que outras pessoas não tiveram nem a chance de competir por esse lugar;

Lide com essa dor junto dos seus círculos brancos, não envolva pessoas negras no seu sofrimento, elas já têm o sofrimento próprio e preocupações com a sua preservação física e emocional;

Lembre sempre que você não é culpada(o) diretamente pelo que vivenciamos, mas é responsável por não continuar perpetuando uma lógica desigual;

A partir disso, entenda em quais lugares na sua vida você pode abrir mão dos privilégios da sua cor ou como pode estendê-los a quem é historicamente lesado.

Na próxima fase, iremos ver modos de agir. Não garantimos que será mais simples, mas mais prático. Nos vemos lá?

#### **Este conteúdo teve como principais referências:**

CURSO RACISMO E POLÍTICA - QUESTÕES CONTEMPORANEAS. (KOPE).

Aula 03: "Teorias críticas da branquitude"

Professor: Lia Schucman

CARDOSO, Lourenço.; MÜLLER, Tânia (Orgs.). Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba, Editora Appris, 2018. p. 19-32.

HOOKS, bell. Raça e representação. Olhares negros. Tradução: Stephanie Borges. 1 ed. São Paulo: Editora Elefante, 2019. 356p.

SAAD, Layla. Eu e a supremacia branca: como reconhecer seu privilégio, combater o racismo e mudar o mundo. Tradução: Petê Rissatti. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2020. p 234.